



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



Artur Azevedo
Amor por anexins



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Amor por anexins

Artur Azevedo

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1879.

Livro Digital nº 520 - 2ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo

(1855 - 1908)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

AMOR POR ANEXINS

ENTREATO CÔMICO



Esta farsa, entremez, entreato, ou que melhor nome tenha em juízo, o meu primeiro trabalho teatral, foi escrita há mais de sete anos, no Maranhão, para as meninas Riosa, que a representaram em quase todo o Brasil e até em Portugal. Pô-la em música e em boa música, Leocádio Raiol; mas ultimamente representaram-na sem ela, Helena Cavalier e Silva Pereira: desencaminhara-se a partitura. Tem agora nova música, e não inferior, de Carlos Cavalier.

A. A.

PERSONAGENS:

ISAÍAS (solteirão)

INÊS (viúva)

UM CARTEIRO

A cena passa-se no Rio de Janeiro. Época, atualidade.

ATO ÚNICO

Sala simples, janela à esquerda, portas ao fundo e à direita. Mesa à esquerda com preparos de costura. Num dos cantos da sala uma talha d'água. Cadeiras.

CENA I

INÊS (cose sentada à mesa, e olha para a rua, pela janela)

Lá está parado à esquina o homem dos anexins! Não há meio de ver-me livre de semelhante cáustico! Ora, eu, uma viúva, e, de mais a mais com promessa de casamento, havia de aceitar para marido

aquele velho! Não vê! E ninguém o tira dali! Isto até dá que falar à vizinhança... (*Desce à boca de cena*)

COPLA

Eu que, por gosto, perdido
Tenho casamentos mil,
Com mais de um belo marido,
Garboso, rico e gentil,
De um velho agora a proposta,
Meu Deus! devia aceitar?
Demais um velho que gosta
De assim tão jarreta andar!
Nada! nada!
Não me agrada!
Quero um marido melhor!
É bem mau não ser casada,
Mas malcasada é pior.

Ainda hoje escreveu-me uma cartinha, a terceira em que me fala de amor, e a segunda em que me pede em casamento. (*Tira uma carta da algibeira*) Ela aqui está. (*Lê*) “Minha bela senhora. Estimo que estas duas regras vão encontrá-la no gozo da mais perfeita saúde. Eu vou indo como Deus é servido. Antes assim que amortalhado. Venho pedi-la em casamento pela segunda vez. Ruim é quem em ruim conta se tem, e eu não me tenho nessa conta. Jamais senti por outra o que sinto pela senhora; mas uma vez é a primeira.” (*Declamando*) Que enfiada de anexins! Pois é o mesmo homem a falar! (*Continua a ler*) “Tenho uns cobres a render; são poucos, é verdade, mas de hora em hora Deus melhora, e mais tem Deus para dar do que o diabo para levar. Não devo nada a ninguém, e quem não deve não teme. Tenho boa casa e boa mesa, e onde come um comem dois. Irei saber da resposta hoje mesmo. Todo seu, Isaías.” (*Guardando a carta*) Está bem aviado, senhor Isaías! Vou às compras; é um excelente meio de me ver livre de vossemecê e de seus anexins. Vou preparar-me. (*Sai pela porta da direita. Pausa*)

CENA II

ISAÍAS (*deita com precaução a cabeça pela porta do fundo*)

Porta aberta, o justo peca. (*Avançando na ponta dos pés*) A ocasião faz o ladrão. Preciso estudar o gênio desta mulher: antes que cases, olha o que fazes. Dois gênios iguais não fazem liga; se a pequena não me sai ao pintar, para cá vem de carrinho. É preciso olhar para o futuro: quem para adiante não olha atrás fica; quem cospe para o ar cai-lhe na cara, e quem boa cama faz nela se deita. Resolvi casar-me, mas bem sei que casar não é casaca. Alguém dirá que resolvi um pouco tarde, porém, mais vale tarde que nunca. Deus ajuda a quem madruga, é verdade; mas nem por muito madrugar se amanhece mais cedo. Procurei uma mulher como quem procura ouro. Infeliz até ali! Vi-as a dar com um pau: bonitas, que era um louvar a Deus de gatinhas; mas... nem tudo o que luz é ouro; feias também que era um deus-nos-acuda; mas muitas vezes donde não se espera, daí é que vem. Quem porfia mata caça dizia com meus botões, e não foi nada, que enquanto o diabo esfrega um olho, cá a dona encheu-me... o olho. Pois olhem que não me passou camarão pela malha... Esta é viúva e costureira... Estou pelo beicinho, e creio que estou servido. Quem já deu não tem para dar, é certo; mas, ora, adeus! quem muito quer muito perde. Já tomei informações a seu respeito: foram as melhores possíveis; mas como o saber não ocupa lugar, e mais vale um tolo no seu que um avisado no alheio, observei-a. Eu sou como São Tomé: ver para crer. Vi-a andar sempre sozinha... e nada de pândegas! Dize-me com quem andas, dir-te-ei as manhas que tens. (*Examinando a casa*) Boa dona-de-casa parece ser! Asseio e simplicidade. Pelo dedo se conhece o gigante. Há de ser o que Deus quiser: o casamento e a mortalha no céu se talham. (*Reparando*) Ai, que ela aí vem! (*Perfilando-se*) Coragem, Isaías! Lembra-te de que um homem... (*Atrapalhando-se*) é um gato e um bicho é um homem! Disse asneira.

CENA III

Isaías e Inês.

INÊS (*vem pronta para sair, ao ver Isaías assusta-se e quer fugir*)
Ai!

ISAÍAS (*embargando-lhe a passagem*)
Ninguém deve correr sem ver de quê.

INÊS
Que quer o senhor aqui?

ISAÍAS
Vim em pessoa saber da resposta de minha carta: quem quer vai e quem não quer manda; quem nunca arriscou nunca perdeu nem ganhou; cautela e caldo de galinha...

INÊS (*interrompendo-o*)
Não tenho resposta alguma que dar! Saia, senhor!

ISAÍAS
Não há carta sem resposta...

INÊS (*correndo à talha e trazendo um púcaro cheio d'água*)
Saia, quando não...

ISAÍAS (*impassível*)
Se me molhar, mais tempo passarei a seu lado; não hei de sair molhado à rua. Eh! eh! Foi buscar lã e saiu tosquiada!...

INÊS
Eu grito!

ISAÍAS
Não faça tal! Não seja tola, que quem o é para si, pede a Deus que o mate e ao diabo que o carregue! Não exponha a sua boa reputação! Veja que sou um rapaz; a um rapaz nada fica mal...

INÊS

O senhor, um rapaz?! O senhor é um velho muito idiota e muito impertinente!

ISAÍAS

O diabo não é tão feio como se pinta...

INÊS

É feio, é!...

ISAÍAS

Quem o feio ama bonito lhe parece.

INÊS

Amá-lo, eu?!... Nunca!...

ISAÍAS

Ninguém diga: desta água não beberei...

INÊS

É abominável! Irra!

ISAÍAS

Água mole em pedra dura, tanto dá...

INÊS

Repugnante!

ISAÍAS

Quem espera sempre alcança.

INÊS

Desengane-se!

ISAÍAS

O futuro a Deus pertence!

INÊS

Há alguém que me estima deveras...

ISAÍAS

Esse alguém (*naturalmente*) sou eu.

INÊS

Era o que faltava! (*Suspirando*) Esse alguém...

ISAÍAS

Quem conta um conto acrescenta um ponto...

INÊS

Esse alguém é um moço tão bonito... de tão boas qualidades...

ISAÍAS

Quem elogia a noiva...

INÊS

O senhor forma com ele um verdadeiro contraste.

ISAÍAS

Quem desdenha quer comprar...

INÊS

Comprar! Um homem tão feio!...

ISAÍAS

Feio no corpo, bonito na alma.

INÊS (*sentando-se*)

Deus me livre de semelhante marido!

ISAÍAS

Presunção e água benta cada qual toma a que quer... (*Senta-se também*)

INÊS (*erguendo-se*)

Ah, o senhor senta-se? Dispõe-se a ficar! Meu Deus, isto foi um mal que me entrou pela porta!

ISAÍAS (*sempre impassível*)
Há males que vêm para bem.

INÊS
Temo-la travada.

ISAÍAS
Venha sentar-se a meu lado. (*Vendo que Inês senta-se longe dele*) Se não quiser, vou eu... (*Dispõe-se a aproximar a cadeira*)

INÊS
Pois sim! Não se incomode! (*Faz-lhe a vontade*) Não há remédio!

ISAÍAS (*chegando mais a cadeira*)
O que não tem remédio, remediado está.

INÊS (*afastando a sua*)
O que mais deseja?

ISAÍAS
Diga-me cá: o seu noivo?... (*Faz-lhe uma cara*)

INÊS
Não entendo...

ISAÍAS
Para bom entendedor meia palavra basta...

INÊS
Mas o senhor nem meia palavra disse!

ISAÍAS
Pergunto se... fala francês...

INÊS
Como?

ISAÍAS
Ora, bolas! Quem é surdo não conversa!

INÊS
Mas a que vem essa pergunta?

ISAÍAS (*naturalmente*)
Quem pergunta quer saber.

INÊS
Ora!

ISAÍAS (*sentencioso*)
Dois sacos vazios não se podem ter de pé.

INÊS
Essa teoria parece-se muito com o senhor.

ISAÍAS
Por quê?

INÊS
Porque já caducou também.

ISAÍAS (*formalizado*)
Então eu já caduquei, menina? Isso é mentira.

INÊS
É verdade.

ISAÍAS
Não é.

INÊS

É.

ISAÍAS

Pois se é, nem todas as verdades se dizem. (*Ergue-se e passeia*)

INÊS

Ah! o senhor zanga-se? É porque quer; não me viesse dizer tolices!
(*Ergue-se*)

ISAÍAS (*interrompendo o seu passeio, solenemente*)

Na casa em que não há pão, todos ralham, ninguém tem razão.

INÊS

Ora! somos ainda muito moços!

ISAÍAS

Quem? nós?

INÊS (*de mau humor*)

Não falo do senhor: falo dele...

ISAÍAS

Ah! fala dele...

INÊS

Havemos de trabalhar um para o outro...

ISAÍAS

É bom, é: Deus ajuda a quem trabalha.

(*Canto*)

INÊS

Sem desgosto viveremos,
Seremos ricos, talvez;
Muitos morgados teremos...

ISAÍAS

Mas um só de cada vez... (*Zangado*)

A faceira

Talvez convidar-me queira

Para padrinho de algum!

INÊS

E não suponha que, apesar de pobre, não me faça bonitos presentes o meu noivo.

ISAÍAS

É! Quem cabras não tem e cabritos...

INÊS

Insulta-o?

ISAÍAS

Cão danado, todos a ele! Pois eu havia de insultá-lo, senhora?

INÊS

Se estivesse calado...

ISAÍAS

Sim, senhora: em boca fechada não entram mosquitos... mas é que o seu futurozinho me interessa...

INÊS

Muito obrigada. (*Senta-se*)

ISAÍAS

Não há de quê. Se bem que eu não seja nenhum Matusalém, estou no caso de lhe dar conselhos. Ouça-me: quem me avisa meu amigo é; quem à boa árvore se chega boa sombra o cobre.

INÊS

Mesmo por já estar no caso de me dar conselhos, é que o não quero para marido.

ISAÍAS

Se eu fosse jovem, não me havia de aceitar, por estar no caso de os receber. Preso por ter cão e preso por não ter!...

INÊS

Não desejo enviuar de novo...

ISAÍAS

Vaso ruim não quebra...

INÊS

Desengane-se, senhor: não são os seus ditados que me hão de fazer mudar de resolução! (*Passeia*) Oh!

ISAÍAS (*acompanhando-a*)

Talvez façam, talvez!... Devagar se vai ao longe... muito tolo é quem se cansa... (*Inês volta-se, param defronte um do outro*) Menina, antes só do que mal acompanhado... Olhe que o pior cego é aquele que não quer ver...

INÊS (*à parte*)

Vou pregar-lhe uma peta. (*Alto*) Mas se me faltasse este noivo, outros rapazes há que me têm feito pé-de-alferes.

ISAÍAS

Águas passadas não movem moinhos!

INÊS

E entre eles...

ISAÍAS

O passado, passado!

INÊS

Não me interrompa!... E entre eles há um ricaço que em outro tempo...

ISAÍAS

O tempo que vai não volta!

INÊS

Não me interrompa, já disse! E entre eles há um ricaço que noutra tempo se esqueceu da promessa...

ISAÍAS

O prometido é devido!

INÊS

Ai, mau!... se esqueceu da promessa que me havia feito; mas que está outra vez pelo beicinho...

ISAÍAS

Cesteiro que faz um cesto, faz um cento... (*Movimento de Inês. Com força*) Se tiver verga e tempo! E quem é esse... ricaço?

INÊS

É segredo.

ISAÍAS

Segredo em boca de mulher é manteiga em nariz... (*A um gesto de Inês*) de homem! Mas faz bem, faz bem: o segredo é a alma do negócio...

INÊS

O senhor tem na cabeça um moinho de adágios! Passa!...

ISAÍAS

O que abunda não prejudica.

INÊS

Bem! Para maçadas basta. Mude-se!

ISAÍAS

Os incomodados é que se mudam.

INÊS

Mas eu estou em minha casa, senhor!

ISAÍAS

Descobriu mel de pau!

INÊS

Irra! Que homem sem-vergonha!

ISAÍAS (*examinando cinicamente a costura*)

Quem não tem vergonha todo o mundo é seu.

INÊS

Se o meu noivo o visse aqui! Ele, que jurou dar cabo do primeiro rival que...

ISAÍAS

Cão que ladra não morde... E eu sou homem!... tenho força... E contra a força não há resistência!...

INÊS (*irônica*)

Ora, por quem é, não faça mal ao pobre moço, sim?

ISAÍAS

Faço!... Quem o seu inimigo poupa às mãos lhe morre. Julga que não estou falando sério? Uma coisa é ver e outra...

INÊS (*no mesmo*)

Ora, não faça tal.

ISAÍAS

Faço! isto tão certo como dois e três serem cinco. São favas contadas. Quem não quiser ser lobo não lhe vista a pele!

INÊS

Mas sabe que ele é valente?

ISAÍAS

Também eu sou! Cá e lá más fadas há! Duro com duro não faz bom muro, e dois bicudos não se beijam!

INÊS

Ponha-se ao fresco, preciso sair; tenho que fazer lá fora.

ISAÍAS

E eu tenho que fazer cá dentro. Um dia bom mete-se em casa. *(Pausa)* Olhe, senhora, olhe bem para mim, acha-me feio: não acha?

INÊS

Ai, ai, ai!...

ISAÍAS

Eu também acho, e feliz é o doente que se conhece. Mas muitas vezes as aparências enganam e o hábito não faz o monge. Experimente e verá. *(Suplicante)* Case comigo.

INÊS

Gentes!

ISAÍAS

Ah! se fôssemos casadinhos, outro galo cantaria! Por exemplo: em vez de sair agora à rua, com este sol de matar passarinho, mandava-me a mim, ao seu maridinho...

INÊS *(arremedando-o)*

Ao seu maridinho... *(À parte)* Oh! que ideia! Vou me ver livre dele. *(Alto)* Então, sem sermos casados, não pode prestar-me um pequeno serviço?

ISAÍAS

Conforme o serviço: ponha os pontos nos ii.

INÊS

Se me fosse comprar três metros de escumilha. Olhe... aqui tem amostra... No armarinho do Godinho... Sabe onde é?

ISAÍAS

Sei; mas quando não soubesse? Quem tem boca vai a Roma.

INÊS

Está contrariado?

ISAÍAS

O que vai por gosto regala a vida.

INÊS

Tome o dinheiro.

ISAÍAS

Nada... não é preciso... (*Vai saindo e estaca*) Diabo! não me lembra um ditado a propósito! (*Sai*)

CENA IV

INÊS

Estás bem aviado... Quando voltares, hás de achar a porta fechada. Safa! que maçador! Agora, tratemos de sair: são mais que horas. (*Aparece à porta um carteiro*)

CENA V

Inês, o Carteiro.

O CARTEIRO

Boa-tarde, minha senhora.

INÊS

Boa-tarde. O que deseja?

O CARTEIRO

Aqui tem esta carta... é da caixa urbana...

INÊS

Uma carta? (*Recebendo a carta, consigo*) De quem será? (*Ao carteiro*)

Obrigada.

O CARTEIRO

Não há de quê, minha senhora. Passe muito bem!

INÊS Adeus. (*O carteiro sai*)

CENA VI

INÊS

Ah! a letra é de Filipe. Faz bem em escrever-me o ingrato! Há doze dias que nos não vemos... (*Abre a carta e lê. Jogo de fisionomia*) “Inês. Peço-te perdão por ter dado causa a que perdesse comigo o teu tempo. Ofereceram-me um casamento vantajoso, e não soube recusar. Ainda uma vez perdão! Falta-me o ânimo para dizer-te mais alguma coisa. Dentro em uma semana estarei casado. Esquece-te de mim — Filipe.” (*Declamando*) Será possível! Oh! meu Deus! (*Relendo*) Sim... cá está... é a sua letra... (*Depois de ter ficado pensativa um momento*) Ora, adeus! Eu também não gostava dele lá essas coisas... Digo mais, antes o Isaías; é mais velho, mais sensato, tem dinheiro a render, e Filipe acaba de me provar que o dinheiro é tudo nestes tempos. Espero aqui o Isaías com o meu “sim” perfeitamente engatilhado! Oh! o dinheiro...

RECITATIVO

Louro dinheiro, soberano esplêndido,
Força, Direito, Rei dos reis, Razão.
Que ao trono teu auriluzente e fúlgido
Meus pobres hinos proclamar-te vão.

Do teu poder universal, enérgico,
Ninguém se atreve a duvidar! Ninguém!
Rígida mola desta imensa máquina,
Fácil conduto para o eterno bem!

Aos teus acenos, Deus antigo e déspota,
Aos teus acenos, Deus moderno e bom,
Caem virtudes e se exaltam vícios!
Todos te almejam, precioso dom!

Inda hás de ser o derradeiro ídolo,
Inda hás de ser a só religião,
Louro dinheiro, soberano esplêndido,
Força, Direito, Rei dos reis, Razão!...

CENA VII

Inês, Isaías.

ISAÍAS (*entrando*)

Quem canta seus males espanta.

INÊS

Já de volta! O senhor foi a correr!

ISAÍAS

Nada! quem corre cansa. Encontrei outro armarinho mais perto.

INÊS (*tomando a fazenda*)

Muito obrigada. Quanto custou?

ISAÍAS

Um pau por um olho. Mil e duzentos o metro...

INÊS

Pois olhe: o outro vende mais barato.

ISAÍAS

O barato sai caro, e mais vale um gosto do que quatro vinténs.

INÊS

Regateou?

ISAÍAS

Regatear! Para quê? Mais tem Deus para dar do que o diabo para tomar.

INÊS

Já vejo que é tão pródigo de dinheiro como de anexins!

ISAÍAS

Da pataca do sovina o diabo tem três tostões e dez réis. Poupado sim, sovina não. Eu cá sou assim! Nem tanto ao mar nem tanto à terra. Tenho um só defeito: quero casar-me. Cada louco com sua mania.

CANTO

Hei sido um gato-sapato;
Preciso do casamento!
O maldito celibato
Não é viver, é tormento.

Quero honesta rapariga
Entre as belas procurar,
Muito embora o mundo diga:
Quem já andou não tem pra andar...

A existência de casado
Talvez venturas me traga,
Se diz verdade o ditado:
Amor com amor se paga.

Se eu for constante e fervente,
Ela tudo isso será;
Se eu amá-la eternamente,
Ela também me amará!

Eu escravo e a esposa escrava,
Viveremos sem desgosto;
Uma mão a outra lava
E ambas lavam o rosto!...

Faço-lhe pela milésima vez o meu pedido. Nem todos os dias há carne gorda. A senhora falou-me em um apaixonado. Por onde andaré ele? Eu estou aqui, e mais vale um pássaro na mão do que dois a voar.

INÊS (*à parte*)

Levemos a coisa com jeito. (*Alto*) O senhor... (*Com uma ideia*) Ah!

ISAÍAS

Oh!

INÊS

Já viu representar *As pragas do Capitão*?

ISAÍAS

Não, senhora. De pragas ando eu farto.

INÊS

Era um militar que praguejava muito. A senhora que ele amava deu-lhe a mão de esposa, mas depois de estabelecer-lhe a condição de não praguejar durante meia hora.

ISAÍAS

Falo em alhos, e a senhora responde com bugalhos!

INÊS

Já lá vamos aos alhos: aceito a sua proposta.

ISAÍAS (*impetuosamente*)

Aceita?

INÊS

Sim, senhor.

ISAÍAS (*incrédulo*)

Qual! Quando a esmola é muita, o pobre desconfia...

INÊS

Mas imponho também a minha condição...

ISAÍAS

Imponha: manda quem pode.

INÊS

Se conseguir levar meia hora sem...

ISAÍAS

Sem praguejar?...

INÊS

Não! Sem dizer um anexim! Se o conseguir, é sua a minha mão.

ISAÍAS

Deveras?

INÊS (*sentando-se*)

Deveras.

ISAÍAS

Mas eu posso estar calado?

INÊS

Como assim?! Era o que faltava! Há de falar pelos cotovelos!

ISAÍAS

Isso é um pouco difícil: o costume faz lei...

INÊS

Ai, que escapou-lhe um!

ISAÍAS

Pois o que quer? a continuação do cachimbo...

INÊS

Faz a boca torta, já duas vezes.

ISAÍAS

Nas três o diabo as fez.

INÊS

Ai, ai, ai! Vamos muito mal!

ISAÍAS

Mas não tínhamos ainda entrado em campo... Aqueles foram ditos de propósito. Agora sim! Agora é que são elas!

INÊS

Outro!

ISAÍAS

Protesto! “Agora é que são elas” nunca foi anexim. A César o que é de César!

INÊS

O senhor vai perder... Olhe: são duas horas. (*Aponta para um relógio que deve estar sobre a mesa*) Aceita o desafio? (*Pausa*) Bem. Quem cala consente...

ISAÍAS

Ah! agora é a senhora quem os diz! Virou-se o feitiço contra o feiticeiro...

INÊS

Ai, ai!

ISAÍAS

Foi engano.

INÊS

Dos enganos comem os escrivães. (*Pausa*) Então? Diga alguma coisa...

ISAÍAS

O que hei de dizer... senão... que gosto muito da senhora... e...

INÊS

Pois diga: vai tantas vezes o cântaro à fonte, que lá fica.

ISAÍAS

Não me provoque, senhora, não me provoque!

INÊS

Cada qual puxa a brasa para sua sardinha...

ISAÍAS (*agitado*)

Brasa! sardinha! Oh! que suplício!

INÊS

O que tem o senhor?

ISAÍAS

Nada... não tenho nada... é que esta proibição me incomoda... Este maldito costume... parece que não estou em mim...

INÊS

Sabe o que mais?

ISAÍAS

Vou saber.

INÊS

Diga o que quiser! Abra a torneira dos anexins, ditados, rifões, sentenças, adágios e provérbios... Fale, fale para aí!

ISAÍAS

E a condição?

INÊS

Caducou. (*Dando-lhe a mão*) Aqui tem: sou sua.

ISAÍAS (*contente*)

Minha! (*Em outro tom*) E os outros?

INÊS

Não existem, nunca existiram!

ISAÍAS

Pois estou acordado? Se estiver dormindo, deixa-me estar: não me acordes.

INÊS

Está bem acordado.

ISAÍAS

Estou?! (*Pulando de contente*) Então viva Deus! Viva o prazer!... Trá lá lá rá lá! (*Quer abraçá-la*)

INÊS (*gritando*)

Alto lá! Mais amor e menor confiança!

ISAÍAS

E que o rato nunca comeu mel, quando come... (*Outro tom*) Pode-se dizer este ditadozinho?...

INÊS

Quantos quiser!

ISAÍAS (*concluindo*)

...se lambuza! (*Tomando-lhe as mãos*) E tu? amas-me, meu bem?

INÊS

Sossegue: o amor virá depois. Seja bom marido e deixe o barco andar!

ISAÍAS

Apoiado. Roma não se fez num dia!

INÊS

E tenha sempre muita fé nos seus anexins.

ISAÍAS

É verdade: O que tem de ser tem muita força. O homem põe... e a mulher dispõe!...

INÊS

Basta! Despeça-se destes senhores, e vá tratar dos papéis...

ISAÍAS

Quem tem boca não manda... cantar. Mas, enfim... (*Ao público*)

COPLA FINAL

Antes que daqui nos vamos,
Inês vos dirá quais são
Os votos que alimentamos
No fundo do coração.

INÊS

Os votos que neste instante
Fazemos nestes confins
(*Deita a mão sobre o coração*)
É que nos ameis bastante

Embora por anexins.

AMBOS

– Muitas palmas esperamos

De vós:

Metade para o autor, metade para nós.



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com